

Tão grave é a situação do mundo, atualmente — diz ainda o espírito de Emmanuel — que se torna necessária a intervenção dos mortos, cujos olhos vêm onde os olhos dos vivos não podem ver, a fim de ministrar conselhos e ensinamentos.

Dada a extensão do estudo de Emmanuel, deixamos de transcrevê-lo em nossas colunas.

HUMBERTO DE CAMPOS

A crônica abaixo foi recebida por Chico Xavier na residência do Sr. Manuel Quintão. Belíssima página de literatura, vem mostrar que o grande pensador brasileiro continua tendo, além-túmulo, a mesma facilidade de expressão e maneja o português com a mesma elegância com que fazia na vida terrena.

A CASA DE ISMAEL

“Um dia, o Senhor, reunindo seus Apóstolos ao pé das águas claras e alegres do Jordão, descortinou-lhes o panorama imenso do mundo.

Lá estavam as grandes metrópoles cheias de faustos e de grandezas.

Alexandria e Babilônia, junto da Roma dos Césares, acendiam na terra o fogo da luxúria e dos pecados.

E Jesus, adivinhando a miséria e o infortúnio do espírito, mergulhado nos humanos tormentos, alçou a mão compassiva em direção à paisagem triste do planeta, declarando aos seus discípulos:

“Ide e pregai! Eu vos envio ao mundo como ovelhas ao meio dos lóbos, mas eu não vim senão para curar os doentes e proteger os desgraçados.”

E os Apóstolos partiram, no afã de repartir as dádivas do seu Mestre.

Ainda hoje, afigura-se-nos que a voz consoladora do Cristo mobiliza as almas abnegadas, articulando-as no caminho escabroso da moderna civilização. Os filhos do sacrifício e da renúncia abrem clareiras divinas no cipóal escuro das descrenças humanas, constituindo exércitos de salvação e de socorro aos homens que se debatem no nau-

frágio triste de todas as esperanças; e, se a vida pode cerrar os nossos olhos e restringir a acuidade de nossas percepções, a morte vem descerrar-nos um mundo novo, a fim de que possamos entrever as verdades mais profundas do plano espiritual.

Foi Miguel Couto que exclamou, em um dos seus momentos de amargura diante da miséria exibida em nossas praças públicas:

“Ai dos pobres do Rio de Janeiro se não fôssem os Espíritas.”

E hoje que a morte reacendeu o lume dos meus olhos que aí se apagava, nos derradeiros tempos de minha vida, como luzes bruxuleantes dentro da noite, posso ver a obra maravilhosa dos Espíritas, edificada no silêncio da caridade evangélica.

Eu não conhecia sólamente o Asilo de São Luís que se derrama pela enseada do Caju, como uma esteira de pom-bais claros e tranqüilos, onde a velhice desamparada encontra remanso de paz no seio das tempestades e das dolorosas experiências do mundo, como realização da piedade pública, aliada à propaganda das idéias católicas. Conhecia igualmente o Abrigo Teresa de Jesus e o Amparo Teresa Cristina e outras casas de proteção aos pobres e aos desafortunados do Rio de Janeiro, que um grupo de criaturas abnegadas do proselitismo espírita havia edificado. Mas o meu coração que as dores haviam esmagado, trucidando todas as suas aspirações e todas as suas esperanças não podia entender a vibração construtora da fé dos meus patrícios que Xavier de Oliveira taxara de loucos no seu estudo mal-avisado do Espiritismo no Brasil.

A verdade é hoje para mim mais profunda e mais clara. Meu olhar percuciente de desencarnado pode alcançar o fundo das coisas e a realidade é que a organização das doutrinas consoladoras dos espíritos no Brasil não está formada à revelia da vontade soberana, do amor e da justiça que nos preside os destinos. Obra extrema da direção especializada dos homens, é no Alto que se processam as suas bases e as suas diretrizes.

Por uma estranha coincidência defrontam-se na Avenida Passos quase frente a frente, o Tesouro Nacional e a Casa de Ismael.

Tesouros da Terra e do Céu, guardam-se no primeiro as caixas-fortes do ouro tangível ou das suas expressões

fiduciárias e no segundo reúnem-se os cofres imortali-zados das moedas do espírito.

De um, parte a corrente fertilizante das economias do povo, objetivando a vitalidade física do país e do outro parte o manancial da água celeste que sacia tôda sêde, derramando energias espirituais e intensificando o ben-dito labor da salvação de tôdas as almas.

A Obra da Federação Espírita Brasileira é a expressão do pensamento imaterial dos seus diretores do plano invisi-vél, indene de qualquer influenciação da personalidade dos homens. Semelhantes àqueles discípulos que partiram para o mundo como o "Sal da Terra", na feliz expressão do Divino Mestre, os seus administradores são intérpretes de um ditame superior, quando alheados de sua vontade individual para servir ao programa de amor e de fé ao qual se propuseram. O roteiro de sua marcha é conhecido e analisado no mundo das verdades do espírito e a sua orientação nasce da fonte das realidades superiores e eter-nas, não obstante tôdas as incompreensões e todos os com-bates. A história da Casa de Ismael nos espaços está cheia de exemplos edificantes de sacrifícios e dedicações.

Se Augusto Comte afirmou que os vivos são cada vez mais governados pelos mortos, nas intuições do seu posi-tivismo, nada mais fêz que refletir a mais sadia de tôdas as verdades. A Federação que guarda consigo as primí-cias de sede do Tesouro espiritual da terra de Santa Cruz não está de pé sómente à custa do esforço dos homens, que por maior que êle seja será sempre caracterizado pelas fragilidades e pelas fraquezas. Muitos dos seus sempre diretores desencarnados aí se conservam como aliados do exército da salvação que ali se reúne.

Ainda há poucos dias, enquanto a Avenida fervilhava de movimento, vi às suas portas uma figura singela e sim-pática de velhinho, pronto para esclarecer e abençoar com as suas experiências.

— Conhece-o? — disse-me alguém rente aos ouvidos.

— ?...

— Pedro Richard...

Nesse ínterim passa um companheiro da humanidade, cheio de instintos perversos que a morte não conseguiu converter à piedade e ao amor fraterno.

E Pedro Richard abre os seus braços paternais para a entidade cruel.

— Irmão, não queres a bênção de Jesus? Entra co-migo ao seu banquete!...

— Por quê? — replica-lhe o infeliz, transbordando perversidade e zombaria — eu sou ladrão e bandido, não pertenço à sociedade do teu Mestre.

— Mas não sabes que Jesus salvou Dimas, apesar de suas atrocidades, levando em consideração o arrepen-dimento de suas culpas? — diz-lhe o velhinho com um sorriso fraterno.

— Eu sou o mau ladrão, Pedro Richard. Para mim não há perdão nem paraíso...

Mas o irmão dos infelizes abraça em plena rua movi-mentada o leproso moral e me diz suavemente aos ouvidos:

— Jesus salvou o bom ladrão e Maria salvou o outro...

E o que eu vi foi uma lágrima suave e clara rolando na face do pecador arrependido.

* * *

Senhor, eu não estive aí no mundo na companhia dos teus servos abnegados e nem comunguei à mesa de Ismael onde se guarda o sangue do teu sangue e a carne da tua carne que constituem a essência de luz da tua doutrina.

Eu não te vi senão com Tomé, na sua indiferença e na sua amargura, e como os teus discípulos no caminho de Emaús, com os olhos enevoados pelas neblinas da noite; todavia podia ver-te na tua casa, onde se recebe a água divina da fé portadora de todo o amor, de tôda a crença e de tôda esperança. Mas não é tarde, Senhor!... Des-dobra sobre o meu espírito a luz da tua misericórdia e deixa que desabrochem ainda agora, no meu coração de pecador, as açucenas perfumadas do teu perdão e da tua piedade para que eu seja incorporado às falanges radiosas que operam na sua casa, exibindo com o meu esforço de espí-rito a mais clara e a mais sublime de tôdas as profissões de fé.

Humberto de Campos

(“Diário da Noite”, do Rio de Janeiro, de 13 de junho de 1936)